

ESTUDO NACIONAL SOBRE A
VIOLÊNCIA NO NAMORO
EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO
CRENÇAS E PRÁTICAS 

2017/2020



UNi  mais

Ficha técnica

Título

Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas – 2017/2020

Entidade responsável

Associação Plano i

Coordenação científica

Sofia Neves

Coordenação executiva

Mafalda Ferreira

Autoria

Sofia Neves, Mafalda Ferreira, Janete Borges, Marta Correia, Ana Luísa Abreu, Ariana Correia, Joana Topa e Estefânia Silva

Ilustração

Mariana Mattos

Entidades financiadoras

Secretaria de Estado para a Cidadania e Igualdade

Fundo Social Europeu no âmbito do Programa Operacional Inclusão Social e Emprego (POISE) do Portugal 2020

Índice

1.	Introdução	1
2.	Método	2
2.1.	Participantes	2
2.2.	Instrumentos	3
2.3.	Procedimentos	4
2.4.	Tratamento e análise de dados	4
3.	Resultados principais	5
3.1.	Crenças de Género	5
3.1.1.	Família	5
3.1.2.	Atribuições de Género	7
3.1.3.	Violência	9
3.2.	Práticas Violentas	12
3.2.1.	Violência Psicológica	13
3.2.2.	Violência Física	14
3.2.3.	Violência Social	15
3.2.4.	Violência Sexual	17
4.	Relações entre variáveis	18
5.	Conclusões	20

1. Introdução

O [Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro: Crenças e Práticas](#), doravante designado por Estudo, foi desenvolvido no âmbito do [Programa UNi+](#), promovido pela [Associação Plano i](#). Os dados reportam-se, de abril de 2017 a de novembro de 2019, ao UNi+ 1.0 e ao UNi+ 2.0 – Programa de Prevenção da Violência no Namoro em Contexto Universitário, financiados pela Secretaria de Estado para a Cidadania e Igualdade e de dezembro de 2019 a e janeiro de 2020 ao UNi+ 3.0 - Programa de Prevenção e Combate à Violência no Namoro no Ensino Superior, financiado pelo Fundo Social Europeu no âmbito do Programa Operacional Inclusão Social e Emprego (POISE) do Portugal 2020.

As três edições do UNi+ respondem aos mesmos objetivos gerais, sendo o Estudo transversal a todas.

Assim, o UNi+ tem, entre outros, o intuito de **caracterizar o fenómeno da violência no namoro em Portugal**, através da realização de estudos científicos que contribuam para o desenvolvimento de políticas e de medidas de prevenção e de combate à violência doméstica e de género.

O relatório que agora se apresenta é uma **súmula dos resultados principais** do Estudo, que abrange o período de abril de 2017 a janeiro de 2020. Os resultados da primeira fase foram divulgados em março de 2018¹ e os da segunda fase em fevereiro de 2019².

O Estudo tem os seguintes objetivos gerais:

- o Caracterizar as **crenças** dos/as estudantes do Ensino Superior sobre as **relações sociais de género**;
- o Analisar a **proporção da violência** praticada e sofrida nas relações de namoro de estudantes do Ensino Superior;
- o Descrever os **comportamentos de violência no namoro** sofridos e perpetrados por estudantes do Ensino Superior.

¹ Cf. <https://drive.google.com/file/d/1wLwLBSltJelQOs4QxIXymKUAueUurZBi/view>

² Cf. <https://drive.google.com/file/d/0B2GZsNuSkIIINW1xTGZnREF4X0hxdEYxODBvWHE4YVZXZW5J/view>

2. Método

2.1. Participantes

A amostra total é constituída por **3256 participantes**, sendo que 79.2% (2578) (se identificaram como mulheres e 20.5% (668) como homens. Nove (0.3%) dos indivíduos não se identificaram nem como mulheres, nem como homens, e um/a participante não respondeu a esta questão. A média geral das idades é de **22.46 anos** (SD = 5.312), sendo que a média de idades das mulheres é de 22.26 anos (SD = 4.855) e a dos homens é de 23.27 anos (SD = 6.745) (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica da amostra (número de participantes e média de idades por sexo)

Mulheres	Homens
2578 (79.2%)	668 (20.5%)
22.26 anos (SD = 4.855)	23.27 (SD = 6.745)

No que concerne à orientação sexual, **88.7%** (n = 2697) dos/as participantes referiram ser **heterossexuais**, 5.9% (n = 178) bissexuais e 4.5% (n = 136) gays ou lésbicas. Ainda 6.6% (n = 214) omitiram esta informação e 1% (n = 31) dos/as participantes identificaram a sua orientação sexual como “outra”.

93.7% (n = 3050) dos/as participantes são **solteiros/as**.

97.2% (n = 3164) dos/as participantes têm **nacionalidade portuguesa** e 2.8% (n = 92) identificaram a sua nacionalidade como “outra”.

Relativamente à zona geográfica, **76.2%** (n = 2480) dos/as participantes estudam na **zona norte do país**, 18.7% (n = 609) na zona centro, 4.7% (n = 153) na zona sul e 0.2% (n = 7) e 0.2% (n = 7) na Madeira e nos Açores, respetivamente.

56.5% (n = 1839) dos/as participantes frequentam **instituições de Ensino Superior públicas** e 43.5% (n = 1417) instituições de Ensino Superior privadas. **73%** (n = 2380) dos/as participantes são estudantes de **licenciaturas**, 24.8% (n = 809) de mestrados e 2.1% (n = 67) de doutoramentos.

71.4% (n = 2326) são **estudantes**, sendo que os/as restantes 28.6% (n= 930) acumulam com a atividade estudantil uma qualquer atividade profissional.

49.4% (n = 1607) dos/as participantes frequentam cursos na área³ do **“Direito, Ciências Sociais e Serviços”**, seguindo-se a área da “Saúde” em 11.4% (n = 371) dos casos, a área de “Ciência da Educação” em 7.1% (n = 230) dos casos, a área de “Economia, Gestão e Contabilidade” em 7% (n = 227) dos casos, a área de “Humanidades, Secretariado e Tradução” em 6.8% (n = 223) dos casos, a área de “Educação Física, Desporto e Artes do Espetáculo” em 6.4% (n = 210) dos casos, a área de “Ciências” em 4.5% (n = 145) dos casos, a área de “Tecnologias” em 3.7% (n = 120) dos casos, a área de “Arquitetura, Artes Plásticas e Design” em 2.8% (n = 90) dos casos e a área de “Agricultura e Recursos Naturais” em 1% (n=33) dos casos (cf. Tabela 2).

Tabela 2

Áreas de formação mais representativas na amostra

Direito, Ciências Sociais e Serviços	49.4% (n = 1607)
Saúde	11.4% (n = 371)
Ciência da Educação	7.1% (n = 230)

2.2. Instrumentos

Para a recolha dos dados foram usados três instrumentos de preenchimento anónimo, os quais foram criados especificamente para o Programa UNi+.

- **Ficha sociodemográfica**

³Classificação conforme a Direção-Geral do Ensino Superior

- **Inventário sobre Crenças de Género (ICG)**

O objetivo do ICG é avaliar as crenças dos/as participantes sobre as relações sociais de género, através de análise de 24 itens/afirmações numa escala de *Likert*, com as seguintes opções de resposta: “Não Concordo”, “Não concordo, nem discordo” e “Concordo”. A avaliação da consistência interna do instrumento revelou um valor alfa de *Cronbach* de 0.778.

- **Inventário sobre Relações Juvenis Violentas (IRJV)**

O objetivo do IRJV é caracterizar a violência psicológica, física, social e sexual sofrida e/ou praticada. É constituído por 21 itens com as seguintes opções de resposta: “Nunca me aconteceu”, “Já sofri”, “Já fiz” e “Já sofri e já fiz”.

2.3. Procedimentos

Os instrumentos foram disponibilizados na sua versão *online*, sendo o [link](#) de acesso difundido, a nível nacional, junto de estudantes e docentes do Ensino Superior português. A divulgação foi efetuada através das redes sociais e do *site* da Associação Plano i, das redes sociais e dos sites das instituições parceiras e outras, bem como por via do envio de emails para as instituições de Ensino Superior, solicitando a difusão interna do Estudo.

Foram definidos como **critérios de inclusão**: a) frequentar o Ensino Superior português, b) compreender fluentemente a língua portuguesa, e c) não ter preenchido previamente os instrumentos.

2.4. Tratamento e análise de dados

Os dados foram sujeitos a uma análise estatística descritiva e a uma análise estatística indutiva, assumindo um nível de significância de 5%, com recurso ao programa *IBM SPSS Software*, versão 25. Descrevem-se de seguida os resultados referentes às crenças de género e às práticas de violência e, posteriormente, à relação entre variáveis.

3. RESULTADOS PRINCIPAIS

3.1. CRENÇAS DE GÉNERO

Legenda

	Sexo feminino
	Sexo masculino

3.1.1. FAMÍLIA

“A família deve ser a prioridade das mulheres”.

	6.6% (n = 169) concordam e 33.6% (n = 865) não concordam, nem discordam.
	9.3% (n = 62) concordam e 41.5% (n = 277) não concordam, nem discordam.

“As mulheres que não desejam ser mães não são verdadeiras mulheres”.

	98.2% (n = 2532) discordam e 0.3% (n = 8) concordam com a afirmação.
	89.8% (n = 600) discordam e 1.8% (n = 12) concordam com a afirmação.

“Os homens podem ser tão bons pais quanto as mulheres boas mães”.

	97.4% (n = 2510) concordam com a afirmação.
	95.7% (n = 639) concordam com a afirmação.

“Se as mulheres não trabalhassem fora de casa, as crianças seriam melhor educadas”.

	91.3% (n = 2354) discordam e 1.4% (n = 35) concordam com esta afirmação.
	78.6% (n = 525) discordam e 3.1% (n = 21) concordam com esta afirmação.

“Uma mulher que investe mais na carreira do que na família não é uma boa mãe nem uma boa companheira”.

	83.1% (n = 2142) discordam e 2.2% (n = 56) concordam com a afirmação.
	68.3% (n = 456) discordam e 7% (n = 47) concordam com a afirmação.

“Homens e mulheres devem partilhar tarefas domésticas”.

	98.7% (n = 2545) concordam com a afirmação e 0.8% (n = 20) discordam desta afirmação.
	95.4% (n = 637) concordam com a afirmação e 1.5% (n = 10) discordam desta afirmação.

“Os homens devem gozar a licença parental”.

	93.1% (n = 2400) concordam e 1.9% (n = 48) discordam desta afirmação.
	82.3% (n = 550) concordam e 4.3% (n = 29) discordam desta afirmação.

“O sonho de qualquer mulher é casar”.

	83.4% (n = 2149) discordam e 2.3% (n = 59) concordam com esta afirmação.
	62.1% (n = 415) discordam e 5.2% (n = 35) concordam com esta afirmação.

3.1.2. ATRIBUIÇÕES DE GÉNERO

“Os homens têm mais competências do que as mulheres para cargos de liderança”.

	93.9% (n = 2422) discordam e 1% (n = 26) concordam com esta afirmação.
	66.9% (n = 447) discordam e 7.2% (n = 48) concordam com a afirmação.

“As mulheres devem ser mais recatadas do que os homens”.

	90.3% (n = 2328) discordam e 1.4% (n = 35) concordam com esta afirmação.
	75% (n = 501) discordam e 2.4% (n = 16) concordam com esta afirmação.

“Meninos e meninas devem ser educados/as de forma diferente”.

	92% (n = 2371) discordam e 2.2% (n = 57) concordam com esta afirmação.
	71.7% (n = 479) discordam e 8.5% (n = 57) concordam com esta afirmação.

“As mulheres são mais sensíveis do que os homens”.

	21.1% (n = 545) concordam e 47.1% (n = 1214) discordam da afirmação.
	31.6% (n = 211) concordam e 36.7% (n = 245) discordam da afirmação.

“Homens e mulheres devem ter direitos e deveres iguais”.

	95.8% (n = 2469) concordam e 2.3% (n = 59) discordam da afirmação.
	92.8% (n = 620) concordam e 3.1% (n = 21) discordam da afirmação.

“Os homens devem assumir a chefia da família”.

	1.9% (n = 50) concordam e 11.4% (n = 294) não concordam, nem discordam com esta afirmação.
	9.6% (n = 64) concordam e 34.1% (n = 228) não concordam, nem discordam com esta afirmação.

“As mulheres que têm cargos de poder comportam-se como homens”.

	89.1% (n = 2297) discordam e 9% (n = 231) não concordam, nem discordam com esta afirmação.
	64.2% (n = 429) discordam e 31.9% (n = 213) não concordam, nem discordam com esta afirmação.

3.1.3. VIOLÊNCIA

“As mulheres que “se portam mal” devem ser castigadas pelos seus parceiros”.

	0.9% (n = 22) não concordam nem discordam e 0.3% (n = 8) concordam com esta afirmação.
	6.6% (n = 44) não concordam nem discordam e 2.1% (n = 14) concordam com esta afirmação.

“As mulheres apreciam homens agressivos”.

	14.7% (n = 379) não concordam, nem discordam e 0.7% (n = 17) concordam com esta afirmação.
	35.3% (n = 236) não concordam, nem discordam e 3.4% (n = 23) concordam com esta afirmação.

“As mulheres são vítimas de violência sexual porque provocam os homens”.

	96.2% (n = 2481) discordam e 0.5% (n = 13) concordam com esta afirmação.
	83.5% (n = 558) discordam e 2.1% (n = 14) concordam com esta afirmação.

“É gratificante para as mulheres ouvir piropos”.

	2.6% (n = 66) concordam e 17.7% (n = 456) não concordam, nem discordam com esta afirmação.
	5.8% (n = 39) concordam e 37.3% (n = 249) não concordam, nem discordam com esta afirmação.

“Algumas situações de violência doméstica são provocadas pelas mulheres”.

	12.2% (n = 314) concordam e 16.9% (n = 416) não concordam, nem discordam com esta afirmação.
	27.4% (n = 183) concordam e 34.9% (n = 233) não concordam, nem discordam com esta afirmação.

“As mulheres são tão violentas quanto os homens”.

	66.8% (n = 1722) concordam e 23.9% (n = 616) não concordam, nem discordam com esta afirmação.
	56.4% (n = 377) concordam e 31.7% (n = 212) não concordam, nem discordam com esta afirmação.

“O ciúme é uma prova de amor”.

	3.6% (n = 92) concordam e 23.7% (n = 610) não concordam, nem discordam com esta afirmação.
	15.4% (n = 103) concordam e 32.3% (n = 216) não concordam, nem discordam com esta afirmação.

“A violência doméstica é um problema que deve ser resolvido em casa”.

	1.9% (n = 48) concordam e 9% (n = 231) não concordam, nem discordam com esta afirmação.
	6.1% (n = 41) concordam e 15.6% (n = 104) não concordam, nem discordam com esta afirmação.

“As mulheres que se mantêm em relações amorosas violentas são masoquistas”.

	5.9% (n = 153) concordam e 13.4% (n = 346) não concordam, nem discordam com esta afirmação.
	11.8% (n = 79) concordam e 25.7% (n = 172) não concordam, nem discordam com esta afirmação.

3. RESULTADOS PRINCIPAIS

3.2. PRÁTICAS VIOLENTAS

Num primeiro momento serão apresentados os dados da proporção total da violência no namoro praticada e sofrida, seguidos da proporção da violência no namoro praticada e sofrida em função do sexo. Num segundo momento serão apresentados os resultados referentes às quatro tipologias de violência no namoro analisadas – **psicológica, física, social e sexual** -, desagregadas pelo sexo das vítimas e das pessoas agressoras.

Da totalidade da amostra, **53.9%** (n = 1755) **dos indivíduos já sofreram pelo menos um ato de violência no namoro**, sendo que **35%** (n = 1138) **já praticaram pelo menos um ato de violência no namoro** (cf. Tabela 3).

Tabela 3

Percentagem total de vítimas e de pessoas agressoras

Vítimas	Pessoas agressoras
53.9%	35%

No que respeita à **percentagem de vítimas em função do sexo**, verificou-se que **53.6%** (n = 1381) das **mulheres** e **55.2%** (n = 369) dos **homens** já estiveram expostas/os a pelo menos um ato de violência no namoro.

Quanto à percentagem de pessoas agressoras em função do sexo, concluiu-se que **33.4%** (n = 860) das **mulheres** e **40.7%** (n = 272) dos **homens** já praticaram pelo menos um ato de violência no namoro (cf. Tabela 4).

Tabela 4.

Percentagem de vítimas e de pessoas agressoras em função do sexo

	Vítimas	Pessoas agressoras
Mulheres	53.6%	33.4%
Homens	55.2%	40.7%

3.2.1. VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

“Culpar, criticar, insultar, difamar, acusar sem razão”.

	23.4% (n = 602) referiram já ter sofrido , 3.3% (n = 84) referiram já ter praticado e 19.8% (n = 510) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	19.6% (n = 131) referiram já ter sofrido, 4% (n = 27) referiram já ter praticado e 22.9% (n = 153) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Recorrer às tecnologias de comunicação para ameaçar ou chantagear (e.g., WhatsApp, Instagram, Facebook, telemóvel, e-mail ou outras)”.

	14.5% (n = 373) referiram já ter sofrido , 0.9% (n = 22) referiram já ter praticado e 1.4% (n = 37) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	11.5% (n = 77) referiram já ter sofrido , 1.3% (n = 9) referiram já ter praticado e 2.5% (n = 17) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Mexer nas coisas pessoais sem autorização (e.g., conta de e-mail, perfil das redes sociais, bolsos do casaco, telemóvel, carteira, agenda)”.

	16.4% (n = 424) referiram já ter sofrido , 5.9% (n = 153) referiram já ter praticado e 7.4% (n = 190) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	14.7% (n = 98) referiram já ter sofrido , 4.3% (n = 29) referiram já ter praticado e 9.1% (n = 61) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Ameaçar verbalmente ou através de comportamentos que causem medo (e.g., gritando, partindo objetos, rasgando a roupa)”.

	16.4% (n = 424) referiram já ter sofrido , 1.5% (n = 38) referiram já ter praticado e 2.3% (n = 60) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	9.4% (n = 63) referiram já ter sofrido , 1.5% (n = 10) referiram já ter praticado e 4% (n = 27) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Ignorar, desprezar, humilhar, envergonhar ou tratar com indiferença”.

	22.7% (n = 484) referiram já ter sofrido , 2.8% (n = 72) referiram já ter praticado e 6% (n = 154) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	14.4% (n = 96) referiram já ter sofrido , 3.6% (n = 24) referiram já ter praticado e 8.7% (n = 58) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

3.2.2. VIOLÊNCIA FÍSICA

“Fazer ameaças de morte, atentar contra a vida ou causar ferimentos que obriguem a receber tratamento médico”.

	6.9% (n = 178) referiram já ter sofrido , 0.4% (n = 11) referiram já ter praticado e 0.3% (n = 7) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	5.5% (n = 37) referiram já ter sofrido , 0.3% (n = 2) referiram já ter praticado e 0.3% (n = 2) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Ameaçar ou ferir utilizando armas (e.g., faca, bastão, pistola) e/ou a força física”.

	6.4% (n = 166) referiram já ter sofrido , 0.5% (n = 14) referiram já ter praticado e 0.5% (n = 14) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	5.4% (n = 36) referiram já ter sofrido , 0.7% (n = 5) referiram já ter praticado e 0.7% (n = 5) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Magoar fisicamente, empurrar, pontapear, esbofetear ou dar murros ou cabeçadas”.

	10% (n = 257) referiram já ter sofrido , 1.2% (n = 30) referiram já ter praticado e 1.6% (n = 42) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	7.9% (n = 53) referiram já ter sofrido , 0.4% (n = 3) referiram já ter praticado e 2.1% (n = 14) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Magoar fisicamente ou ameaçar magoar pessoas próximas (e.g., família, amigos/as)”.

	6.4% (n = 164) referiram já ter sofrido , 0.3% (n = 7) referiram já ter praticado e 0.2% (n = 5) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	4.3% (n = 29) referiram já ter sofrido , 0.6% (n = 4) referiram já ter praticado e 0.7% (n = 5) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Estrangular, asfixiar, atropelar ou ferir com gravidade ou tentar fazê-lo”.

	4% (n = 102) referiram já ter sofrido , 0.2% (n = 4) referiram já ter praticado estes atos e 0.0% (n=1) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	3.4% (n = 23) referiram já ter sofrido , 0.7% (n = 5) referiram já ter praticado e 0.3% (n = 2) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

3.2.3. VIOLÊNCIA SOCIAL

“Não permitir que trabalhe, estude e/ou saia sozinho/a”.

	13.9% (n = 358) referiram já ter sofrido , 1% (n = 26) referiram já ter praticado e 0.6% (n = 16) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	10.3% (n = 69) referiram já ter sofrido , 1.2% (n = 8) referiram já ter praticado e 1.3% (n = 9) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Impedir o contacto com a família, amigos/as e/ou vizinhos/as (e.g., proibir de falar com alguém, tirar ou desligar o telemóvel) ”.

	14.1% (n = 364) referiram já ter sofrido , 1.4% (n = 37) referiram já ter praticado e 1.1% (n = 28) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	9.7% (n = 65) referiram já ter sofrido , 1.2% (n = 8) referiram já ter praticado e 1.8% (n = 12) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Ficar com todo o dinheiro ou limitar/controlar os gastos pessoais”.

	4.3% (n = 110) referiram já ter sofrido , 0.3% (n = 9) referiram já ter praticado estes atos e 0.1% (n = 3) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	5.4% (n = 36) referiram já ter sofrido e 0.7% (n = 5) referiram já ter praticado estes atos.

“Aparecer de repente em locais públicos para vigiar ou controlar (e.g., escola) e/ou perseguir (e.g., a pé, de carro ou de mota) ou pedir a outros que o façam”.

	12.9% (n = 333) referiram já ter sofrido , 1.4% (n = 35) referiram já ter praticado e 0.7% (n = 17) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	9% (n = 60) referiram já ter sofrido , 2.7% (n = 18) referiram já ter praticado estes atos e 0.7% (n = 5) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Controlar a forma de vestir, o penteado ou a imagem, os locais frequentados ou as amizades ou companhias”.

	20.7% (n = 534) referiram já ter sofrido , 1.9% (n = 50) referiram já ter praticado e 1.4% (n = 36) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	11.1% (n = 74) referiram já ter sofrido , 3.6% (n = 24) referiram já ter praticado estes atos e 3.7% (n = 25) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Dizer mal ou lançar boatos na escola ou em locais ou grupos frequentados regularmente”.

	12.8% (n = 329) referiram já ter sofrido , 0.7% (n = 17) referiram já ter praticado e 0.4% (n = 10) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	11.8% (n = 79) referiram já ter sofrido , 1.5% (n = 10) referiram já ter praticado estes atos e 1.2% (n = 8) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Ameaçar, difamar ou agredir no caso de denunciar ou manifestar vontade de denunciar a terceiros a violência sofrida”.

	5.5% (n = 143) referiram já ter sofrido , 0.2% (n = 6) referiram já ter praticado e 0.1% (n = 2) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	4.2% (n = 28) referiram já ter sofrido , 0.4% (n = 3) referiram já ter praticado estes atos e 0.1% (n = 1) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

3.2.4. VIOLÊNCIA SEXUAL

“Obrigado a ter comportamentos sexuais não desejados (e.g., ver pornografia, fazer sexo oral, fazer sexo anal ou ter relações sexuais com outras pessoas)”.

	9.5% (n = 245) referiram já ter sofrido , 0.4% (n = 10) referiram já ter praticado e 0.2% (n = 4) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	5.2% (n = 35) referiram já ter sofrido , 2.4% (n = 16) referiram já ter praticado estes atos e 0.4% (n = 3) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Divulgar imagens ou vídeos pessoais, de cariz sexual, sem consentimento”.

	4.5% (n = 115) referiram já ter sofrido e 0.3% (n = 7) referiram já ter praticado.
	3.4% (n = 23) referiram já ter sofrido , 0.4% (n=3) referiram já ter praticado estes atos e 0.1% (n = 1) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

“Forçar a ter relações sexuais”.

	9% (n = 233) referiram já ter sofrido , 0.2% (n = 6) referiram já ter praticado estes atos e 0.0% (n = 1) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.
	4.6% (n = 31) referiram já ter sofrido , 1% (n = 7) referiram já ter praticado e 0.1% (n = 1) referiram já ter sofrido e praticado estes atos.

4. RELAÇÕES ENTRE VARIÁVEIS

Por forma a testar-se a **diferença na proporção da violência praticada e sofrida em função do sexo**, usou-se o teste t para amostras independentes. Concluiu-se que:

- A proporção da **violência praticada é superior nos homens** ($t = -3.471$, $gl = 921.261$, $p = 0.001$).
- A proporção da **violência sofrida é superior nas mulheres** ($t = 4.049$, $gl = 1314.921$, $p < 0.001$).

Para testar a diferença nas médias de idade entre quem pratica e quem não pratica violência foi também usado um teste t para amostras independentes, de onde se concluiu **haver uma diferença significativa nas médias das idades entre quem pratica e quem não pratica violência**. Assim, **as pessoas que praticam violência são mais velhas do que aquelas que não a praticam** ($t = -3.300$, $gl = 2056.344$, $p = 0.001$).

Foi também testada a diferença nas médias das idade entre quem sofre e não sofre violência, recorrendo igualmente a um teste t para amostras independentes. Concluiu-se **haver uma diferença significativa nas médias das idades entre quem sofreu e não sofreu violência**, constatando-se que **quem sofre violência tem uma média de idades mais elevada** ($t = -3.361$, $gl = 3254$, $p = 0.001$).

Calculou-se ainda a diferença nas crenças de género entre quem pratica e não pratica violência. O teste t para amostras independentes revelou que há uma **diferença estatisticamente significativa entre as crenças de género de quem pratica e de quem não pratica violência**. Verifica-se, assim, que há uma diferença significativa no score de crenças de género entre quem pratica e não pratica violência ($t = -6.595$, $gl = 2006.520$, $p < 0.001$). Quem pratica violência possui um score de crenças de género mais elevado, ou seja, **quem pratica violência possui crenças de género mais conservadoras**.

Adicionalmente, através do teste t para amostras independentes, constatou-se ainda haver uma **diferença estatisticamente significativa entre as crenças de género de quem sofre e de quem não sofre violência**, verificando-se que **quem sofre violência tem crenças de género mais conservadoras do que quem não sofre** ($t = -2.088$, $gl = 3231$, $p = 0.037$).

Já no que concerne a uma análise relativamente às crenças de género, de acordo com o sexo dos/as participantes, verificou-se que há **diferenças significativas entre o sexo feminino e o masculino no que diz respeito às crenças de género** ($t = -18.113$, $gl = 784.846$, $p < 0.001$), sendo que **os inquiridos (sexo masculino) têm crenças de género mais conservadoras do que as inquiridas (sexo feminino)**.

5. CONCLUSÕES

Destacam-se, de seguida, as **principais conclusões** do Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas.

- **53.9% dos/as participantes já foram sujeitos/as a pelo menos um ato de violência no namoro.** 53.6% das mulheres e 55.2% dos homens figuram como vítimas.
- **35% dos/as participantes já praticaram pelo menos um ato de violência no namoro.** 33.4% das mulheres e 40.7% dos homens figuram como pessoas agressoras.
- Embora a violência no namoro seja sofrida e praticada por ambos os sexos, verifica-se que são os **homens quem mais pratica a violência.**
- A **violência psicológica** é a mais prevalente nas relações de namoro, seguida da violência social, da violência física e, por fim, da violência sexual, de onde se destacam as seguintes estatísticas:
 - 23.4% das mulheres e 19.6% dos homens já foram culpadas/os, criticadas/os, insultadas/os, difamadas/os e acusadas/os sem razão;
 - 20.7% das mulheres e 11.1% dos homens já foram controladas/os na forma de vestir, no penteado ou na imagem, nos locais frequentados, nas amizades ou companhias;
 - 16.4% das mulheres e 9.4% dos homens já foram ameaçadas/os verbalmente ou através de comportamentos que causem medo (e.g., gritando, partindo objetos, rasgando a roupa);
 - 14.5% das mulheres e 11.5% dos homens já foram ameaçadas/os ou chantageadas/os através das tecnologias da comunicação;
 - 14.1% das mulheres e 9.7% dos homens já foram impedidas/os de contactar com a família, amigos/as e/ou vizinhos/as;
 - 13.9% das mulheres e 10.3% dos homens já foram impedidas/os de trabalhar, estudar ou de sair sozinhas/os;

- 10% das mulheres e 7.9% dos homens já foram magoadas/os fisicamente, empurradas/os, pontapeadas/os, esbofeteadas/os ou cabeçadas/os;
 - 9.5% das mulheres e 5.2% dos homens já foram obrigadas/os a ter comportamentos sexuais não desejados;
 - 9% das mulheres e 4.6% dos homens já foram forçadas/os a ter relações sexuais;
 - 6.9% das mulheres e 5.5% dos homens já sofreram ameaças de morte, atentados contra a vida ou ferimentos que as/os obrigaram a receber tratamento médico.
- **Quem praticou violência no namoro apresenta crenças sobre as relações sociais de género mais conservadoras** do que quem não praticou violência.
 - **Quem sofreu violência no namoro apresenta crenças de género mais conservadoras** do que aqueles/as que não sofreram.
- **Os homens apresentam crenças sobre as relações sociais de género mais conservadoras** do que as mulheres.
 - 21.1% das mulheres e 31.6% dos homens concordam que as mulheres são mais sensíveis do que os homens;
 - 12.2% das mulheres e 27.4% dos homens concordam que algumas situações de violência doméstica são provocadas pelas mulheres;
 - 6.6% das mulheres e 9.3% dos homens concordam que a família deve ser a prioridade das mulheres;
 - 5.9% das mulheres e 11.8% dos homens concordam que as mulheres que se mantêm em relações amorosas violentas são masoquistas;
 - 3.6% das mulheres e 15.4% dos homens concordam que o ciúme é uma prova de amor;
 - 2.2% das mulheres e 8.5% dos homens concordam que meninos e meninas devem ser educados/as de forma diferente;
 - 2.3% das mulheres e 3.1% dos homens discordam que homens e mulheres devem ter direitos e deveres iguais;
 - 1% das mulheres e 7.2% dos homens concordam que os homens têm mais competências do que as mulheres para cargos de liderança.

Estas evidências reforçam a necessidade de se continuar a aprofundar o conhecimento sobre o fenómeno, por um lado, e de se atuar ao nível da prevenção e do combate à violência no namoro, desafiando crenças socialmente instituídas, por outro lado.

As instituições de ensino, designadamente ao nível do Ensino Superior, são espaços privilegiados de desconstrução de visões conservadoras que legitimam práticas violentas em contextos de intimidade, através de mudanças que criem uma cultura institucional de tolerância-zero à violência e que consigam detetar precocemente, intervir e encaminhar estas situações.

O Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas terá continuidade, procurando suprir algumas das limitações das fases anteriores. O número de respostas obtido na 3.ª fase foi manifestamente inferior quando comparado com o das 1.ª e 2.ª fases, não tendo sido possível mobilizar, apesar dos vários esforços e em múltiplas frentes, mais estudantes. Adicionalmente, foram sobretudo os/as estudantes da zona norte do país aqueles/as que mais responderam, não se tendo conseguido ainda garantir a participação equitativa dos/as inquiridos/as por área geográfica. Finalmente, a dimensão da amostra ainda não é homogénea em função da pertença de sexo, estando especialmente distanciada da representatividade da população masculina a frequentar o Ensino Superior (45.9%)⁴, participando no estudo as jovens do sexo feminino em maior proporção do que os jovens do sexo masculino (79.2% vs 20.5%).

⁴PORDATA <https://www.pordata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+no+ensino+superior+total+e+por+sexo-1048>